

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

FELIPPE DE OLIVEIRA TOTA

**ESTUDO SOBRE A DIMENSÃO COGNITVA DAS CONSTRUÇÕES DE
COMPARAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Porto Alegre, RS

2024

FELIPPE DE OLIVEIRA TOTA

**ESTUDO SOBRE A DIMENSÃO COGNITVA DAS CONSTRUÇÕES DE
COMPARAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em acordo de cotutela para obtenção do título de Doutor em Linguística, pelo Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Universidade Católica Portuguesa

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Maity Siqueira (UFRGS)

Orientador: Prof. Dr. Augusto Soares da Silva (UCP)

Coorientadora: Prof.^a. Dr.^a. Violeta Rodrigues (UFRJ)

Porto Alegre, RS

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Carlos André Bulhões Mendes

VICE-REITORA

Patricia Pranke

DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Carmem Luci da Costa Silva

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS

Márcia Montenegro Velho

CHEFE DA BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Aline da Silva Argenta

CIP - Catalogação na Publicação

Tota, Felipe de Oliveira
Estudo sobre a dimensão cognitiva das construções
de comparação no Português do Brasil / Felipe de
Oliveira Tota. -- 2024.
345 f.
Orientadores: Maity Simone Guerreiro Siqueira,
Augusto Soares da Silva.

Coorientadora: Violeta Virgínia Rodrigues.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Comparação. 2. Construção. 3. Rede
construcional. 4. Gramática de construções Baseada no
Uso (GCBU). I. Siqueira, Maity Simone Guerreiro,
orient. II. Silva, Augusto Soares da, orient. III.
Rodrigues, Violeta Virgínia, coorient. IV. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Felippe de Oliveira Tota

ESTUDO SOBRE A DIMENSÃO COGNITIVA DAS CONSTRUÇÕES DE COMPARAÇÃO
NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em acordo de cotutela para obtenção do título de Doutor em Linguística, pelo Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Universidade Católica Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Maity Siqueira (UFRGS)

Orientador: Prof. Dr. Augusto Soares da Silva (UCP)

Coorientadora: Prof.^a. Dr.^a. Violeta Rodrigues (UFRJ)

Porto Alegre, 07 de março de 2024.

Resultado: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA

Presidente/ Orientador(a)

Prof.^a. Dr.^a Maity Siqueira (orientação)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
— UFRGS

Orientador(a)

Prof. Dr. Augusto Soares da Silva
(orientação)
Universidade Católica Portuguesa — UCP

Coorientador(a)

Prof.^a Dr.^a Violeta Virgínia Rodrigues
Universidade Federal do Rio de Janeiro —
UFRJ

Avaliador(a) 01

Prof.^a. Dr.^a Rozane Rebechi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
— UFRGS

Avaliador(a) 02

Prof. Dr. Diogo Oliveira Ramires Pinheiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro —
UFRJ

Avaliador(a) 03

Prof.^a Dr.^a Nilza Barroso Dias
Universidade Federal Fluminense — UFF

AGRADECIMENTOS

Neste árduo, mas edificante processo de escrita e de pesquisa, agradeço imensamente:

A meu pai Afonso, a minha mãe Darcília e ao meu irmão Daniel, que me dedicam amor incondicional, me motivam e me compreendem, até quando não seria possível.

Ao meu companheiro, José Ribeiro, pelo amor, paciência e compreensão em todos os momentos de distância e angústia, inevitavelmente atravessados por quem se dedica a um trabalho desta natureza.

A todos os meus amigos íntimos que, mesmo sem total compreensão das especificidades da minha pesquisa, celebram todas as minhas conquistas e apoiam as minhas escolhas.

A minha orientadora, Prof.^a Maity Siqueira, por todo o apoio, acolhimento, leveza, presença, parceria, ensinamento e amizade, oportunizando-me experiências que serão partes das melhores lembranças da minha trajetória acadêmica e da minha vida pessoal. Não haveria tese se não fosse pelo seu encorajamento, pela sua audácia e pelo seu zelo. Muito obrigado!

Ao meu orientador, Prof. Augusto Soares, pela oportunidade concedida a mim e, também, pelo acolhimento e dedicação em um contexto internacional. A sua presença tornou o que poderia ser desconfortável em excelentes experiências de interação acadêmica e de intercâmbio cultural (com bons peixes e vinhos!)

A minha coorientadora, mentora e amiga, Prof.^a Violeta Rodrigues, um dos meus maiores exemplos como profissional da área e, principalmente, como pessoa. O seu cuidado, a sua dedicação, a sua sabedoria e o seu afeto me motivam diariamente. É um privilégio poder contar com a sua potência.

Às colegas (e amigas!) Heloise Thompson e Caroline Girardi, que, especialmente, foram minhas inspirações do início ao fim do processo de confecção desta tese.

À amiga (e colega!) Leyla Eli, minha grata surpresa, por ser o meu maior suporte durante o período de intercâmbio em Braga. Tenho por ti imensa gratidão e respeito!

Aos meus colegas do METAFOLIA — UFRGS, Vinícius Tavares, Rafaeli Miorando, Sérgio Duarte Jr., Laura Baiocco, Felipe Lipert, Fernanda Garcia, Vanessa Vanzan, Isabel Cony, Paula Schneider e Yasmin Ribas. Muito obrigado não só por compartilharmos os anseios da vida acadêmica, mas também por integrarem o melhor grupo de pesquisa da Universidade, com piqueniques, jogos, conversas e muita parceria!

Aos meus colegas de profissão do IFSC e do IFSul, além de todos os amigos professores e pesquisadores que viabilizaram o empreendimento da minha pesquisa.

Aos professores Gabriel Othero, Ana Fontes, Rozane Rebechi, Maria Maura Cezário, e Diogo Pinheiro, que, mesmo em tempos de pandemia, colocaram-se à disposição para partilhar os seus saberes. Vocês foram fundamentais para a construção deste trabalho.

Ao Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) e ao Instituto Federal do Ceará (IFCE), pela colaboração nos momentos de aplicação das tarefas experimentais.

Ao Núcleo de Assessoria Estatística da UFRGS (NAE – UFRGS), por estarem disponíveis e comprometidos nas aferições estatísticas que correspondem à análise empírica deste trabalho. Agradeço, em especial, às professoras Vanessa Leotti e Luciana Nunes; e aos discentes Gabriel Saul e Guilherme Doering, líderes de suas respectivas equipes. Sou grato, ainda, ao amigo Cristóvão Lanna, pela complementação que foi dada a esta assessoria.

Ao Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) e ao Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), por apoiarem a realização desta pesquisa e me oferecerem os espaço e tempo necessários.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e À Universidade Católica Portuguesa (UCP), por aceitarem os desafios de um acordo de cotutela e confiarem a mim esta contribuição acadêmica.

“Os limites da minha linguagem
são os limites do meu mundo”

(Ludwig Wittgenstein)

Felippe de Oliveira Tota

ESTUDO SOBRE A DIMENSÃO COGNITIVA DAS CONSTRUÇÕES DE COMPARAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

RESUMO

Esta tese aborda a complexidade de descrever as manifestações da comparação no Português do Brasil (PB), uma vez que são muitas as possibilidades de materializá-la linguisticamente. Isto posto, a pesquisa defende que, para além do(s) uso(s) linguístico(s) canônico(s), a comparação advém de um esquema cognitivo mais amplo, desdobrando-se em uma rede cognitiva, com construções interligadas por nódulos que se estenderiam do nível sintático ao nível discursivo. Mais especificamente, a investigação lança a hipótese de que a comparação não se realiza apenas por suas estruturas gramaticais listadas canonicamente, mas congrega dimensões sintáticas, semânticas, discursivo-pragmáticas e imagéticas. A fim de ratificar a hipótese aventada, este trabalho cumpre o objetivo de delinear uma rede cognitiva para as construções potencialmente comparativas no PB, orientando-se substancialmente pelos contributos da Linguística Cognitiva e da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). Langacker (1987), Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Hilpert (2014), Diessel (2019) e Hoffmann (2022) são alguns dos teóricos fundamentais à orientação metodológica desta pesquisa, dividida em duas etapas de observação empírica: (i) coleta, quantificação e descrição de enunciados potencialmente comparativos, extraídos de textos autênticos; e (ii) construção e aplicação de duas tarefas psicolinguísticas, uma de produção e outra de compreensão. Na etapa (i), recorre-se aos procedimentos comuns à Linguística de *Corpus*, com o objetivo de coletar dados que sejam suficientemente representativos da língua em uso. Já a etapa II verifica as propriedades inerentes às construções potencialmente comparativas, bem como afere a realidade psicológica daquelas que não são, pela Gramática Tradicional (GT), categorizadas como formas de comparar. Na compilação entre os resultados da análise empírica, verificou-se que (i) a comparação é frequentemente expressa por meio de estruturas comparativas menos convencionais, afastando-se do protótipo; (ii) o grau não é necessariamente enfatizado ao expressar similitude e exemplificação; (iii) quando a comparação é veiculada por um conector de cláusulas, as estruturas são mais compreendidas pelos usuários; (iv) conectores que não são categorizados pela tradição como comparativos — a conjunção enquanto, por exemplo — podem exprimir comparação; e (v) estruturas introduzidas por alguns verbos epistêmicos — pensar, imaginar, supor — orientam relações de comparação em nível discursivo-pragmático. Notar essas e outras propriedades tornou possível oferecer uma tipologia para algumas das construções linguísticas de comparação no PB e propor, com base e no estado da arte e na observação empírica, as redes construcionais.

Palavras-chave: comparação; construção; rede construcional; Gramática de construções Baseada no Uso (GCBU).

ABSTRACT

This thesis deals with the complexity of describing comparison manifestations in the Brazilian Portuguese (BP), since there are many possibilities to materialize it linguistically. That said, the research argues that, in addition to the canonical linguistic uses, comparison comes from a broader cognitive scheme, unfolding in a cognitive network, with constructions interconnected by nodes that would extend from syntactic to discursive levels. More specifically, the investigation hypothesizes that comparison is not made only by its canonically listed grammatical structures, but instead, it also brings together syntactic, semantic, discursive, pragmatic and imagery dimensions. To confirm such hypothesis, this work fulfills the objective of delineating a cognitive network for potentially comparative constructions in BP, substantially guided by the contributions of Cognitive Linguistics and Usage-Based Constructions Grammar (GCBU is an acronym in Portuguese). Langacker (1987), Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Hilpert (2014), Diessel (2019) and Hoffmann (2022) are some of the fundamental theorists for the methodological guidance of this research, divided into two stages of empirical observation: i) compilation, quantification and categorization of data that represent potentially comparative statements, extracted from authentic texts; and ii) construction and application of two psycholinguistic tasks of both linguistic production and comprehension. In step (i), common procedures to *Corpus* Linguistics are used to collect data that could sufficiently represent the use of language. Step (ii), on the other hand, verifies the inherent properties of potentially comparative constructions and assesses the psychological reality of constructions that are not categorized as forms of comparison by Traditional Grammar (GT). Empirical analysis results show that i) comparison is often expressed through less conventional comparative structures, moving away from the prototype; ii) the degree is not necessarily emphasized when expressing similarity and exemplification; iii) when comparison is conveyed by a clause connector, its structures are better understood by speakers iv) connectors that are not traditionally categorized as comparative—the conjunction *enquanto* (while), for example—can express comparison; and v) structures introduced by some epistemic verbs— *pensar*, *imaginar*, *supor* (think, imagine, suppose) — guide comparison relations at the discursive level. Noting these and other properties enable a typology for some of the linguistic comparison constructions in BP and to offer constructional networks, based on the state of the art and empirical observation.

Keywords: comparison; construction; construction network; Usage-Based Construction Grammar (GCBU).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Diagrama de Pires (2013), com o delineamento parcial da rede que integra a CHS.	32
Figura 2 — Quadro de materialização das construções comparativas assimilativas proposto por Thompson (2019).....	35
Figura 3— Modelo cognitivo da arquitetura gramatical.....	55
Figura 4— Arquitetura simbólica de uma construção, adaptado de Croft (2001, p.18).....	66
Figura 5 — Polos da Construção Comparativa Correlativa (CC)	69
Figura 6— Representação esquemática da comparação por igualdade e por desigualdade ...	89
Figura 7 — Arranjo de visualização: construções imperativas de atitude proposicional	109
Figura 8 — <i>Ground</i> : construções imperativas de atitude proposicional, em construções hipotéticas.....	110
Figura 9 — Menu de busca oferecido no <i>Corpus</i> do Português.....	119
Figura 10 — Análise horizontal e vertical das linhas de concordância na ferramenta PCEP134	
Figura 11 — Padrão para verificação dos colocados com a ferramenta PCEC	135
Figura 12 — Alinhamento de colocados à direita e à esquerda, respectivamente, com a ferramenta PCEC	135
Figura 13 — Subcorpus criado no <i>Corpus</i> do Português.....	138
Figura 14 — Expressão <i>imagine que</i> em contexto de sinais de pontuação.....	141
Figura 15 — Item do instrumento (tarefa de compreensão).....	180
Figura 16 — Rede de construções comparativas lexicais	204
Figura 17— Rede das construções comparativas prototípicas de grau.....	205
Figura 18 — Rede de construções oracionais comparativas assimilativas prototípicas e não prototípicas.	206
Figura 19 — Rede de construções oracionais comparativo-contrastivas.....	207
Figura 20 —. Rede para a construção oracional comparativa hipotética.....	208
Figura 21 — Rede das construções imperativas de atitude proposicional (CIAP).....	209

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 — Categorias e subcategorias semânticas de construções oracionais instanciadas por <i>enquanto</i> : frequência (%) <i>type</i>	125
Gráfico 2 — Distribuição (%) de frequência: gêneros discursivos e sequências textuais <i>versus</i> subcategorias semânticas de cláusulas contrastivas instanciadas por <i>enquanto</i>	130
Gráfico 3 — Distribuição (%) de frequência: gêneros discursivos e sequências textuais <i>versus</i> subcategorias semânticas de cláusulas temporais instanciadas por <i>enquanto</i>	130
Gráfico 4 — Distribuição (%) de frequência: gêneros discursivos e sequências textuais <i>versus</i> cláusulas em mescla semântica de tempo e contraste, instanciadas por <i>enquanto</i>	131
Gráfico 5 — Construções [(V _{aux}) V _{epis} que]: frequência absoluta (ocorrência PCEC à direita)	139
Gráfico 6 — Construções [(V _{aux}) V _{epis} que]: frequência absoluta (ocorrência PCEC à esquerda)	140
Gráfico 7 — Construções [(V _{aux}) V _{epis} que]: distribuição por protótipo/sequência textual ..	142
Gráfico 8 — Percentual de frequência <i>type</i> : critérios para o uso de construções imperativas articulantes.....	146
Gráfico 9 — Construções [(V _{aux}) V _{epis} que]: distribuição por protótipo/sequência textual. .	147
Gráfico 10 — Construções [(V _{aux}) V _{epis} que]: distribuição por gênero discursivo.....	149
Gráfico 11 — Construções [(V _{aux}) V _{epis} que]: distribuição por gênero discursivo.....	151
Gráfico 12 — Descrição de variáveis: aptidão para leitura, escrita e correção gramatical (em %).	162
Gráfico 13 — Comparação entre a distribuição geral de frequências e a preferência de uso por informante.....	164
Gráfico 14 — Frequência (%) de ocorrência dos tipos de construção comparativa não prototípicas informados no experimento (panorama)	166
Gráfico 15 — Descrição de variáveis: habilidade de leitura, escrita e correção gramatical (em %).	183
Gráfico 16 — Porcentagem: comentário em cada grupo de construções comparativas.	185
Gráfico 17 — Grau de compreensão das construções oracionais: boxplot.	187
Gráfico 18 — Grau de compreensão das construções discursivas: boxplot.....	187
Gráfico 19 — Porcentagem: grau de compreensão em cada tipo de construção comparativa	189
Gráfico 20 — Graus de compreensão agrupados: percentual de respostas por item.....	190

LISTA DE QUADROS

Quadro 1— Correspondência entre a lista de esquemas em Johnson (1987) e Heine (1997), em ordem alfabética.....	86
Quadro 2 — Dimensões da construção comparativa e as suas respectivas propriedades.....	91
Quadro 3 — Descrição da construção oracional comparativa de grau	92
Quadro 4 — Possibilidades formais das construções oracionais comparativas de grau.....	93
Quadro 5 — Possibilidades formais das construções oracionais comparativas de grau.....	94
Quadro 6 — Propriedades das construções oracionais comparativas de grau	95
Quadro 7 — Descrição da construção oracional comparativa assimilativa	96
Quadro 8 — Possibilidades formais das construções oracionais comparativas assimilativas, com conectores pospostos	97
Quadro 9 — Possibilidades formais das construções oracionais comparativas assimilativas, com conectores antepostos	97
Quadro 10 — Possibilidades formais das construções oracionais comparativas, com nuance hipotética	98
Quadro 11 — Propriedades das estruturas comparativas assimilativas	98
Quadro 12 — Propriedades das construções comparativas instanciadas por <i>que nem, tipo, igual e feito</i>	100
Quadro 13 — Descrição da construção oracional comparativo-contrastiva, instanciada por <i>enquanto</i>	103
Quadro 14 — Cotejo entre instanciações: estrutura comparativa de igualdade <i>versus</i> estrutura instanciada por <i>enquanto</i>	104
Quadro 15 — Propriedades das construções comparativo-contrastivas, instanciadas por <i>enquanto</i>	105
Quadro 16 — Descrição das construções imperativas de atitude proposicional	112
Quadro 17 — Propriedades das construções imperativas de atitude proposicional, quando em comparação discursiva	112
Quadro 18 — Categorias e subcategorias semânticas em construções oracionais instanciadas por <i>enquanto</i>	122
Quadro 19 — <i>Continuum</i> de categorização para as instâncias de [(V _{aux}) V _{epis} que]	144
Quadro 20 – Legenda para autorrelato de habilidade leitora, de habilidade de escrita e de correção gramatical	158
Quadro 21 — Pares de vocábulos selecionados para o instrumento	158

Quadro 22 — Itens do instrumento (tarefa de produção).....	162
Quadro 23 – Tipos de construção comparativa não prototípicas informados no experimento	165
Quadro 24 — Legenda de pontos da Escala Likert (tarefa de compreensão).	178
Quadro 25 — Construções oracionais selecionadas para o instrumento	179
Quadro 26 — Construções discursivas selecionadas para o instrumento	179
Quadro 27 — Itens do instrumento (tarefa de compreensão).....	184

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 — Distribuição de frequência (%) quanto à posição das construções oracionais instanciadas por <i>enquanto</i> : posição x categoria semântica	125
Tabela 2 — Distribuição de frequência (%) quanto à posição das cláusulas hipotáticas instanciadas por <i>enquanto</i> : posição x categorias e subcategorias semânticas	126
Tabela 3 — Distribuição (%) de frequência entre os fatores <i>sequência textual</i> e <i>categoria semântica</i>	127
Tabela 4 — Pico percentual (%): gêneros discursivos e sequências textuais versus subcategorias semânticas.....	128
Tabela 5 — Teste exato de Fischer: gêneros discursivos <i>versus</i> categorias semânticas	129
Tabela 6 — Correlação χ^2 : gêneros discursivos (notícia) versus categorias semânticas	129
Tabela 7 — Correlação χ^2 : sequências textuais versus categorias semânticas	131
Tabela 8 — Termos de busca ranqueados em frequência de ocorrência (<i>token</i>)	133
Tabela 9 — Ranking de frequência por ocorrência PCEC, em números absolutos: recorrência à direita.....	136
Tabela 10 — Ranking de frequência por ocorrência PCEC, em números absolutos: recorrência à esquerda	137
Tabela 11 — Percentual de frequência <i>type</i> : critérios para o uso de construções articulantes	146
Tabela 12 — Mínimo percentual de frequência <i>type</i> : critérios para o uso de construções imperativas articulantes.....	147
Tabela 13 — Distribuição de frequência <i>type</i> absoluta: sequências textuais.....	148
Tabela 14 — Correlação χ^2 : sequências narrativas e descritivas por <i>types</i>	149
Tabela 15 — Distribuição de frequência <i>type</i> absoluta: gêneros discursivos	150
Tabela 16 — Distribuição de frequência <i>type</i> absoluta: variáveis dicotômicas.....	151
Tabela 17 — Correlação χ^2 : variáveis dicotômicas por <i>types</i>	152
Tabela 18 — Respostas à variável regional (em %)	160
Tabela 19 — Descrição de variáveis: autorrelato de escolaridade (em %).....	161
Tabela 20 — Descrição de variáveis: autorrelato de vida escolar (em %).....	161
Tabela 21 — Descrição de variáveis: aptidão para leitura, escrita e correção gramatical (em %)	161

Tabela 22 — Variável prototipia por variáveis sociodemográficas e autoavaliativas: p-valor	168
Tabela 23 — Teste exato: variável <i>prototipia (coisa)</i> por variável autoavaliativa <i>aptidão para a escrita</i>	169
Tabela 24 — Teste exato: variável <i>prototipia</i> por variável autoavaliativa <i>correção gramatical</i>	170
Tabela 25 — Teste exato: variável <i>prototipia</i> por variável <i>grau</i>	171
Tabela 26 — Descrição de variáveis: autorrelato de histórico escolar (em %).....	182
Tabela 27 — Descrição de variáveis: habilidade de leitura, escrita e correção gramatical (em %).....	183
Tabela 28 — Porcentagem: comentário em cada grupo de construções comparativas	185
Tabela 29 — p-valor dos testes entre cada par de variável	188
Tabela 30 — Porcentagem: grau de compreensão em cada tipo de construção comparativa, por item.....	188
Tabela 31 — p-valor dos testes entre cada par de variável	190
Tabela 32 — p-valor dos testes entre cada par de variável (<i>instância X variável avaliativa</i>)	194

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CC	<i>Comparative correlative construction</i>
CCA	Construções comparativas assimilativas
CCNC	Construção correlata de negação e contraste
CCSD	Construções Comparativas Superlativas Disfêmicas
CHS	Construção Hiperbólica por Símile
CIAP	Construções imperativas de atitude proposicional.
COCC	Construção oracional comparativo-contrastiva
E _{fac}	Enunciado factual
E _{narr./desc.}	Enunciado com sequência narrativa ou descritiva
GC	Gramática de Construções
GCBU	Gramática de Construções Baseada no Uso
GT	Gramática Tradicional
LC	Linguística Cognitiva
MCI	Modelo cognitivo idealizado
N	Nome
PB	Português do Brasil
S _{Adj.}	Sintagma adjetival
S _{Adv.}	Sintagma adverbial
SN	Sintagma nominal
SV	Sintagma verbal
V	Verbo
V _{aux}	Verbo auxiliar
V _{epis}	Verbo epistêmico

LISTA DE SÍMBOLOS

α Nível de significância estatística

\Leftrightarrow Correspondência

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 ESTADO DA ARTE: AS ESTRUTURAS COMPARATIVAS NO PORTUGUÊS DO BRASIL	26
2.1 A COMPARAÇÃO E A GRAMÁTICA TRADICIONAL DO PB	26
2.2 A COMPARAÇÃO ALÉM DA GRAMÁTICA TRADICIONAL.....	27
2.3 SÍNTESE.....	41
3 INTERFACES TEÓRICAS: LINGUAGEM, COGNIÇÃO, USO E GRAMÁTICA ..	42
3.1 A PERSPECTIVA DA LINGÜÍSTICA COGNITIVA (LC).....	42
3.2 SIGNIFICADO E COGNIÇÃO.....	44
3.3 PERSPECTIVAÇÃO CONCEPTUAL (<i>CONSTRUAL</i>) E GRAMÁTICA.....	52
3.4 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES BASEADA NO USO (GCBU)	60
3.4.1 Da variedade de modelos em Gramática de Construções à GCBU.....	60
3.4.2 GCBU e discurso	71
3.4.3 GCBU e metodologia empírica	77
3.5 SÍNTESE.....	80
4. AS DIMENSÕES COGNITIVAS DA EXPRESSÃO DE COMPARAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL.....	82
4.1 A COMPARAÇÃO COMO PROCESSO COGNITIVO DE DOMÍNIO GERAL.....	82
4.2 AS PROPRIEDADES DAS CONSTRUÇÕES ORACIONAIS COMPARATIVAS....	88
4.3 UMA PROPOSTA TIPOLOGICA DE CONSTRUÇÕES ORACIONAIS COMPARATIVAS	91
4.3.1 Construções oracionais comparativas de grau.....	92
4.3.2 Construções oracionais comparativas assimilativas	96
4.4 COMBINAÇÕES ENTRE A COMPARAÇÃO E OUTROS TIPOS DE CONSTRUÇÃO	
101	
4.4.1 Construções oracionais comparativo-contrastivas (COCC), instanciadas por <i>enquanto</i>	102
4.4.2 A comparação hipotética em construções imperativas de atitude proposicional (CIAP)	105
4.5 SÍNTESE.....	113

5AS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS: ANÁLISE DE <i>CORPUS</i>	114
5.1 MÉTODO: ABORDAGEM <i>BOTTOM-UP</i> E SELEÇÃO DE EXEMPLARES.....	114
5.2 CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS NÃO PROTOTÍPICAS: O CASO HÍBRIDO DE <i>ENQUANTO</i>	118
5.2.1 Procedimentos e análise de dados.....	118
5.2.2 Resultados	124
5.3 CONSTRUÇÕES IMPERATIVAS DE ATITUDE PROPOSICIONAL E A COMPARAÇÃO NO NÍVEL DISCURSIVO.....	132
5.3.1 Procedimentos e análise de dados.....	132
5.3.2 Resultados	145
5.4 SÍNTESE.....	153
6. AS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS: EXPERIMENTO PSICOLINGUÍSTICO DE PRODUÇÃO	154
6.1 MÉTODO.....	154
6.1.1 Desenho	156
6.1.2 Amostra	156
6.1.3 Instrumento e materiais.....	157
6.1.4 Procedimentos	159
6.2 RESULTADOS	160
6.3 SÍNTESE.....	172
7AS CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS: EXPERIMENTO PSICOLINGUÍSTICO DE COMPREENSÃO.....	174
7.1 MÉTODO.....	174
7.1.1 Desenho	176
7.1.2 Amostra	176
7.1.3 Instrumento e materiais.....	177
7.1.4 Procedimentos	181
7.2 RESULTADOS	182
7.3 SÍNTESE.....	191
8REDES DE CONSTRUÇÃO COMPARATIVA NO PORTUGUÊS DO BRASIL ...	193
8.1 CRUZAMENTOS DA ANÁLISE EMPÍRICA.....	193
8.1.1 Construções oracionais comparativas não prototípicas, instanciadas por <i>tipo, feito, igual e que nem</i>	193

8.1.2 Construções oracionais comparativo-contrastivas (COCC), instanciadas por enquanto	195
8.1.3 Construções imperativas de atitude proposicional (CIAP), como instâncias da comparação discursiva hipotética.....	198
8.2 PROPOSTA DE REDE CONSTRUCIONAL.....	202
8.2.1 Comparação lexical.....	203
8.2.2 Comparação oracional.....	204
8.2.3 Comparação discursiva.....	208
8.3 SÍNTESE.....	209
9 CONCLUSÕES.....	211
REFERÊNCIAS.....	218
APÊNDICE A - TERMOS DE CONSENTIMENTO E ASSENTIMENTO	226
APÊNDICE B — INSTRUMENTO DA TAREFA DE PRODUÇÃO	230
APÊNDICE C - INSTRUMENTO DA TAREFA DE COMPREENSÃO	240
APÊNDICE D -- SUPORTE DIDÁTICO DOS DOCENTES APLICADORES	255
APÊNDICE E. — RELATÓRIO ESTATÍSTICO DOS EXPERIMENTOS.....	265

1 INTRODUÇÃO

A gramática das línguas é um território vasto, sujeito a mudanças constantes. Em razão disso, a sua descrição torna-se um dos maiores desafios para qualquer linguista, que, ao lidar com o seu objeto, encontra formas diferentes de observá-lo. Entre tantas perspectivas, não é raro — sobretudo nas últimas décadas — deparar-se com aquelas que exploram a linguagem fundamentando-se nas impressões que os falantes têm em relação à própria língua. Isso não acontece apenas a fim de equiparar os acordos normativos aos usos, mas também para entender como se formata a linguagem na mente humana e como ela funciona em prol da interação.

Face à dinamicidade do mundo e das línguas, lidar com o uso linguístico é um trabalho árduo. Exige do pesquisador destreza para notar e interpretar regras anteriormente estabelecidas para os níveis da linguagem, refletindo sobre o quanto elas parecem complementares ou contraditórias entre si. Essa foi a postura que orientou este trabalho, cuja seleção do tema ilustra possíveis incongruências entre norma, uso e cognição: as materializações da semântica comparativa em língua portuguesa.

É sabido que alguns estudiosos (cf. Langacker, 1987; Bybee, 2011) consideram a comparação como um processo cognitivo de domínio geral. Apesar disso, é comum que as descrições da semântica comparativa sejam somente associadas a aspectos formais/gramaticais — ou a sufixos e vocábulos que servem a expressões de grau, ou às *orações subordinadas adverbiais comparativas*, conforme denominação prevista pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Isso pode ser considerado um problema para a descrição e para o ensino de língua, uma vez que, no tocante a esse tipo de oração, a tradição gramatical apenas menciona relações formais, semânticas, discursivas etc., sem detalhamentos. Na verdade, a prescrição gramatical apenas aponta o uso de algumas conjunções subordinativas como evidências para a relação de comparação. No mesmo sentido vão as gramáticas escolares e os livros didáticos, que comumente apresentam listas extensas de conectores e exemplos isolados, descontextualizados, distantes do(s) uso(s) linguístico(s) mais comuns (Rodrigues e Tota, 2013).

Na realidade da língua portuguesa do Brasil (PB), são muitas as estruturas que podem manifestar a relação de comparação, aquém e além do nível sintático previsto pela norma culta. Isso pode ser percebido quando observados os tipos de gradação do adjetivo e do advérbio, assim como as relações estabelecidas por certas preposições e conjunções. Além disso, outros tipos de oração, que não contemplam a estrutura canônica, mediada por conjunções

subordinativas de comparação, e que são compostas por enunciados¹ mais complexos, também são possíveis, como se pode notar nos exemplos seguintes:

(1) *Diego abraça Michelly e diz: “Isso não é nada **comparado** ao que podem imaginar”.*

(Site Gshow, 2011).

(2) *E até **parece que** foi ontem*

Minha mocidade

Com diploma de sofrer

De outra Universidade

Minha fala nordestina

Quero esquecer o francês

(*Tudo outra vez*. Canção de Belchior, 1979)

(3) *Como é que se é feliz? Tem alguma receita, **tipo** fazer bolo?*

(Corpus do Português, Plataforma WebDialectos, 2012-2019).

(4) ***Imagine que** você nasceu em 1900. Primeira Guerra Mundial. Quando você tem 14 anos, começa a primeira guerra mundial e termina quando você tem 18 anos, com 22 milhões de mortes.*

(...)

Um menino nascido em 1995 hoje tem 25 anos; ele acha que é o fim do mundo quando seu pacote da Amazon leva mais de três dias para chegar ou quando ele não consegue mais de 15 “curtidas” por sua foto postada no Facebook ou Instagram... Em 2020, muitos de nós vivemos com conforto, temos acesso a diferentes fontes de entretenimento em casa e, geralmente, temos mais do que precisamos. Mas as pessoas reclamam de tudo.

(...)

Talvez seja hora de ser menos egoísta, pare de reclamar e chorar. Agradeça a Deus pelo dom da vida!

(Site BOL, crônica da coluna do repórter Amaury Jr., 2020).

¹ O conceito de enunciado é aqui assumido nos termos de Bakhtin (2006), ou seja, como a unidade da comunicação verbal, ou, mais ainda, o produto da relação dialógica entre interlocutores.

Nesses casos, a materialização da comparação é estruturada de outras maneiras, sem que os enunciados sejam organizados a partir da subordinação adverbial. Em (1), serve como recurso o particípio passado do verbo *comparar* (“comparado”) e, em (2), o uso do verbo *parecer*. Nos dois casos, a semântica dos verbos torna-os condição suficiente para exprimir comparação. Já em (3), a semântica comparativa é instanciada pela palavra *tipo* e, em (4), a oração *Imagine que* sugere um discurso narrativo de situação hipotética comparada à realidade.

Em relação aos dois primeiros, os dois últimos exemplos trazem expedientes linguísticos semanticamente mais opacos. O conector *tipo*, originalmente um substantivo, vem atravessando um processo recente de mudança, que particulariza os seus usos, de modo que não sejam estritamente comparativos (Thompson, 2019). Menos transparente que o conector é a construção *Imagine que*, uma sentença ocupada por um verbo imperativo, que, aparentemente, não apresenta conexões formais ou semânticas com a expressão de comparação no PB. No cânone, as mesclas entre comparação e hipótese restringem-se ao uso da locução conjuntiva *como se*; no entanto, há em (4) uma evidência menos composicional, estendendo a comparação ao nível discursivo-pragmático.

Já há investigações em língua portuguesa que, alicerçadas nas teorias de cunho cognitivo-funcional, tratam a noção de comparação para além do que se postula na descrição gramatical, compreendendo-a como um processo cognitivo de domínio geral. Estudos como os de Santos (2012), Pires (2013) e Thompson (2019) defendem que, na verdade, as estruturas comparativas compõem nódulos que se organizam em uma rede de elementos interligados. Mais ainda, eles sugerem uma representação mental prototípica da comparação, que, no português do Brasil (PB), especializam-se em diversos usos, gerando nódulos em níveis mais baixos (ou seja, mais concretos) dentro dessa mesma rede. Tais nós representam **construções linguísticas**, ou seja, itens gramaticais, lexicais e/ou discursivos que, de acordo com o modelo teórico da Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001), são o pareamento entre forma e significado.

No tangente à comparação, estudos mais recentes apontam que a materialização linguística desses elementos instancia construções específicas, tipificadas de duas formas distintas: ora como **construções comparativas de grau**, ora como **construções comparativas assimilativas**. Neste trabalho, escolheu-se uma forma suplementar de observar as construções comparativas, considerando a **prototipia**² como critério preponderante. Assim, os nódulos da

² Partimos aqui da noção de protótipo discutida em Rosch (1978). Mais informações acerca deste conceito serão apresentadas nos capítulos seguintes.

rede poderiam trazer, grosso modo, construções comparativas **mais** ou **menos** prototípicas. As mais prototípicas ocupam o centro da categoria e referem-se àquelas que i) a descrição linguística tem tratado como estruturas de comparação e que ii) são compreendidas, convencionalizadas e utilizadas pela comunidade de usuários da língua, além de, em maioria, serem aceitas pela norma gramatical como expedientes de comparação. Elas podem ser materializadas por estruturas morfossintáticas de grau em adjetivos e advérbios, analíticas ou sintéticas, com ou sem sufixos de superlativo, conforme os exemplos (5), (6) e (7).

(5) *Pedro é **mais** inteligente **que** estudioso.*

(6) *Maria canta **melhor que** Joana.*

(7) *Banho de mar é **agradabilíssimo**.*

Essas construções também incluem os casos em que as orações são introduzidas por conjunções (ou locuções conjuntivas) subordinativas, conforme os exemplos (8) e (9).

(8) *Ele fala **como** um papagaio.*

(9) *Amo sorvete **tanto quanto** preciso de água.*

As construções comparativas menos (ou não) prototípicas dizem respeito às estruturas de sintagma nominal (SN) ou sintagma verbal (SV) não elencadas pela Gramática Tradicional (GT), embora também assinalem a semântica comparativa, como em (10) e (11). Incluem-se aqui também os sintagmas oracionais correlatos, coordenados ou subordinados, comumente associados a outros valores semânticos, como em (12) e (13).

(10) *Os brincos eram **iguais**.*

(11) *A música **assemelha-se** à linguagem.*

(12) *Tudo seguiu **conforme** o planejado.*

(13) *Falava muito bem, **enquanto** escrevia muito mal.*

Inserem-se ainda, neste grupo, as construções compostas por **conectores comparativos gramaticalizados**. Essas estruturas são instanciadas por *tipo*, *feito*, *igual* e *que nem*, que desempenham o papel de conector em orações adverbiais comparativas não prototípicas, como ilustram os exemplos (14), (15), (16) e (17).

(14) *Ele fala **igual a** um papagaio.*

(15) *Comia **feito** um leão.*

(16) *Ela anda **tipo** a Naomi Campbell.*

(17) *A música é **que nem** a linguagem.*

Além desses três tipos de construção, já observados e discutidos na literatura linguística, chama atenção um tipo novo, referente a estruturas que ultrapassam o nível sentencial, alcançando a organização do texto: **as construções comparativas discursivas**. Embora elas se relacionem muito mais aos contextos sociais e comunicativos, também podem estabelecer comparações, como já apontou o exemplo (4) e ilustra o exemplo (18), em que se compara um fato social a uma narrativa hipotética.

(18) ***Suponhamos que** na sua casa pessoas venham usando errado todos os dias uma determinada ferramenta que acaba estragando, e com muito custo você a põe de volta ao eixo.*

Após seu feito, a ferramenta melhora seu desempenho, passando a apresentar progresso até em outros problemas que surgiam paralelamente. Aí, uma pessoa mais nova de sua família começa a usá-la do jeito antigo que não dava certo e, mesmo você avisando, ela continua, e a pobre ferramenta emperra novamente.

Aposto que você se sentiria com todos os esforços desperdiçados, simplesmente porque alguém decidiu ser negligente, mesmo você aconselhando sobre o uso correto. É basicamente isso que fazemos com todos os esforços feitos pelos movimentos sociais que surgiram no passado, pelos avanços nos campos de pesquisa científicos...

Nós nos tornamos basicamente uma máquina de reciclagem (...).

(Site Notícias Gerais, excerto de crônica vinculada à coluna de notícias do Campo das Vertentes, Mesorregião de Minas Gerais, 2020).

Diante dos diferentes tipos de comparação ilustrados pelos exemplos, esta tese orienta-se a partir do seguinte problema: a noção de comparação em língua portuguesa, seja no âmbito estrutural, seja no âmbito do significado, não é contemplada pela descrição gramatical em todas as suas manifestações. As estruturas apresentadas entre os exemplos (10) e (16) não são elencadas; até mesmo as possibilidades de comparação consagradas pelo cânone são descritas de maneira limitada. Isso restringe as abordagens que o ensino reflexivo de gramática da língua portuguesa pode promover e desconsidera as evidências de comparação no nível macrotextual.

Diante disso, estabeleceram-se as seguintes perguntas:

- a) De que modo é possível aferir o “status” construcional comparativo das construções não canônicas, como as apresentadas entre (13) e (16)?
- b) Se essas podem ser compreendidas como construções de comparação do PB, é possível atestar-lhes a realidade psicológica?
- c) É possível delinear uma rede construcional que inclua manifestações prototípicas e não prototípicas de comparação em língua portuguesa?

Com base nestas perguntas, esta investigação aborda a comparação como um processo cognitivo de domínio geral, cujas materializações linguísticas referem-se não só a estruturas gramaticais, mas também a dimensões de cunho semântico, discursivo, pragmático e, sobretudo, cognitivo. Nesse sentido, as construções comparativas no PB integrariam uma rede, entrelaçada por construtos³ diversos, que perpassam construções sintáticas simples e complexas previstas ou não pelo cânone.

A partir desse entendimento, foram estabelecidas duas hipóteses gerais. A primeira é a de que **o quadro de estruturas comparativas descrito pela gramática do português do Brasil não elenca suficientemente todas as manifestações linguísticas de comparação em língua portuguesa**. A segunda é de que **tanto manifestações discursivas quanto estruturas comparativas oracionais não canônicas podem integrar uma rede de construções comparativas em um nível mais próximo do(s) uso(s) linguístico(s), ou seja, mais convencionais**. Isso posto, o objetivo geral desta investigação é **delinear as redes cognitivas para construções comparativas no português do Brasil**, considerando a comparação como um esquema cognitivo próprio. Dele, decorrem os seguintes objetivos específicos:

- *mapear* as propriedades das construções e da rede construcional comparativa, a partir dos estudos preexistentes;
- *identificar* as dimensões sintáticas, semânticas, discursivo-pragmáticas e imagéticas da comparação no PB;
- *(re)avaliar*, em forma e significado, possíveis construções comparativas não canônicas, a partir de dados da língua em uso;

³ Para Traugott e Trousdale (2013), “construtos” dizem respeito a ocorrências específicas e exigem necessariamente um conteúdo semântico, enquanto as “construções” são unidades abstratas, simbólicas e convencionais. Essa distinção será mais bem explorada nos capítulos seguintes.

- *aferir* a realidade psicológica de possíveis construções comparativas não canônicas, a partir de experimento(s) psicolinguístico(s);
- *descrever* as propriedades das construções comparativas em potencial.

Para além desta introdução, os registros dessa investigação estão divididos em mais seis seções. O segundo capítulo exhibe um “estado da arte” da expressão de comparação no Português. De antemão, examina-se o modo como essas estruturas vêm sendo categorizadas dentro e fora da tradição gramatical. Para tanto, são apresentadas desde as postulações dos manuais de gramática até as investigações linguísticas nas quais a comparação é objeto de estudo. Com esse compromisso, observam-se, principalmente, alguns estudos de relevante publicação nos últimos vinte anos, utilizando como critério de revisão a relação com as perspectivas teóricas centradas no uso. Este capítulo também é um espaço para reconhecer as categorias menos prototípicas (em tese!) da expressão comparativa, como as instanciadas por conectores comparativos gramaticalizados, por exemplo.

O terceiro capítulo apoia-se na apresentação e discussão de perspectivas teóricas de teor cognitivo-funcional que embasam a pesquisa — mais propriamente os fundamentos teóricos da Linguística Cognitiva. De modo sucinto, são revisitados alguns conceitos atrelados à Semântica Cognitiva e, por consequência, as teorias de Gramática de Construções Baseada No Uso (GCBU), a fim de justificar o fato de as hipóteses referirem-se ao conceito de **construções** em rede cognitiva. Destacam-se, nessa etapa do trabalho, as contribuições de Ronald Langacker (1987, 2008), Adele Goldberg (1995, 2006) e William Croft (2001), uma vez que concordam com a perspectiva experiencialista da descrição linguística e permitem que a comparação seja entendida como uma atividade fundamental ao processamento cognitivo.

O quarto capítulo busca elencar, descrever e organizar as dimensões da expressão comparativa no PB. Grosso modo, foram considerados quatro aspectos: cognitivo, discursivo, semântico e estrutural. Isso serve de mote para esclarecer quais manifestações da comparação foram alçadas ao *status* de construção linguística. Primeiramente, são trazidas duas tipologias que correspondem ao centro da categoria da comparação no PB: as construções comparativas oracionais de grau e as construções comparativas oracionais assimilativas. Em seguida, discutem-se duas possibilidades mais distantes do protótipo, com o objetivo de validar a hipótese estabelecida: as **construções instanciadas por *enquanto*** e as **construções imperativas de atitude proposicional**. No primeiro caso, nota-se o uso da conjunção *enquanto* como um caso híbrido da comparação, relacionado a outras nuances semânticas. No segundo, são apresentadas estruturas introduzidas por alguns verbos epistêmicos — *pensar, imaginar,*

supor —, os quais parecem funcionar como marcadores do discurso e mediar relações circunstanciais de comparação. Ao longo da seção, as contribuições da literatura linguística acerca da comparação e os achados desta investigação servem como ponto de referência.

A orientação teórico-metodológica da pesquisa desdobrou-se em duas partes, abarcadas por três estudos observacionais, que surgem nos capítulos subsequentes. O quinto capítulo corresponde a um estudo para **coleta, quantificação e descrição** de enunciados potencialmente comparativos, extraídos de textos autênticos. Essa foi uma maneira de selecionar os exemplares que integram a rede construcional mencionada pelas hipóteses e objetivos da pesquisa. Para tanto, recorreu-se aos procedimentos comuns à Linguística de *Corpus*, de modo que houvesse dados suficientemente representativos da língua em uso. Já os sexto e sétimo capítulos explicam a construção e aplicação de duas tarefas psicolinguísticas: uma de **produção textual**, nomeada *escrita de enunciados comparativos* e outra de **compreensão**, nomeada *juízo para enunciados comparativos*. Quis-se observar, a partir de uma amostra de usuários da língua, a probabilidade de que

- a) determinadas estruturas estejam mais ou menos próximas do protótipo da comparação;
- b) determinadas características sejam mais ou menos definidoras da expressão de comparação no PB;
- c) as estruturas coletadas nos *corpora* de análise e relacionadas à hipótese da investigação sejam convencionalmente (ou não) comparativas, a ponto de integrarem o inventário de construções desse tipo.

O oitavo capítulo destina-se a integração dos resultados de cada estudo e à sua respectiva interpretação, com a intenção de delinear a representação formal das redes para as construções comparativas. A proposta quer elucidar algumas das realizações mais convencionais e produtivas da comparação e identificar de que maneira elas podem estar (ou não) relacionadas entre si. Para mapear a organização destas redes, recorreu-se justamente ao cruzamento de resultados quantitativos e qualitativos da análise empírica.

O último capítulo desta tese resume, a partir da análise dos dados obtidos com a pesquisa, as considerações acerca das construções comparativas que, possivelmente, ainda não foram amplamente descritas em termos linguísticos. Para além disso, trata-se de um momento de avaliação das hipóteses que foram aventadas. Segue-se menos no sentido de encerrar o

trabalho em si mesmo, e mais no de legitimar, apesar das limitações, esta proposta para entender a comparação no PB.

9 CONCLUSÕES

Nos capítulos anteriores, quis-se cumprir o objetivo central desta tese, cujo tema é a dimensão cognitiva da comparação no PB. Agora, na conclusão, pretende-se sintetizar o que foi proposto, reforçar a tese que se coloca e, sobretudo, refletir sobre a abordagem trazida à expressão de comparação no Português.

Além deste, foram apresentados mais oito capítulos. No primeiro, a introdução destacou os objetivos, hipóteses, justificativas e expectativas deste estudo, a fim de conduzir o leitor à leitura das páginas seguintes. Em seguida, os capítulos 2 e 3 abordaram as bases teóricas desta investigação, no sentido de a) apresentar um "estado da arte" na análise da expressão de comparação no PB, dentro e fora da tradição gramatical; b) discutir as perspectivas teóricas de cunho cognitivo-funcional, principalmente aqueles voltados ao modelo teórico da Gramática de Construções Baseada No Uso (GCBU); c) explicar a pertinência de descrever e analisar a língua em termos de construções.

O capítulo 4 é crucial na organização desta tese, visto que descreve as dimensões da construção comparativa no PB e propõe uma tipologia, considerando aspectos imagéticos, formais, semânticos e discursivos. Além das manifestações prototípicas, são discutidas as possibilidades não prototípicas, como as **construções oracionais comparativo-contrastivas**, veiculadas pela construção [C1][*enquanto* C2], e as **construções imperativas de atitude proposicional**, veiculadas por [(V_{aux}) V_{epis}] *que*, instanciadas por formas do tipo *imagine que e pense que*.

Depois de traçadas as tipologias, os capítulos 5, 6 e 7 explicitam os métodos utilizados para desenvolver a análise empírica da investigação. O objetivo era verificar a hipótese de que as construções tipificadas no capítulo anterior eram entendidas, na mente do falante, como recursos para exprimir a comparação no PB. A aplicação metodológica foi dividida em três estudos: a) coleta, quantificação e descrição de enunciados potencialmente comparativos, extraídos em *corpus* de língua geral; b) experimento psicolinguístico de produção textual, com a meta de identificar as formas de comparar mais convencionais e produtivas; c) experimento psicolinguístico de compreensão, com a meta de revelar quais, entre os tipos de comparação preestabelecidos, seriam julgados pelos falantes do PB como enunciados comparativos. Em seguida, o capítulo 8, anterior a este, interpretou os resultados obtidos na análise empírica e, por fim, esboçou uma representação formal para as redes de construções comparativas.

É imprescindível reforçar aqui a adequação dos modelos teóricos que baseiam a condução desta pesquisa. Observar a linguagem a partir dessas perspectivas é compreender a

gramática como parte da experiência, sem elocubrações artificiais que possam dificultar a tarefa daquele que se interessa ou precisa conhecer uma língua. É evidente que, enquanto tese acadêmica, as provocações deste texto destinam-se a linguistas e outros interlocutores especialistas. No entanto, apoiar-se no conceito de *construção gramatical* facilita a interação com outras áreas do saber científico. Bons exemplos são a neurociência, a psicologia, e o ensino de línguas que, ao compreenderem o item linguístico como parte de um único inventário, podem torná-las objetos de uma investigação sem estarem alicerçadas em formalizações e paradigmas muito específicos.

No Brasil, grande parte dos trabalhos fundamentados em Gramática de Construções tem buscado mais o entendimento sobre o uso lexical das estruturas, bem como os padrões gramaticais e semânticos associados a elas. No entanto, não parece tarefa fácil examiná-las além-semântica — ou, como denomina a Gramática Cognitiva, em um *construal* —, uma vez que são variadas as trajetórias para lidar com a interpretação semântica e pragmática que as definem. Croft & Cruse (2004) e Langacker (2008) sinalizam descrições possíveis para os eventos que mobilizam o nosso rol lexical, mas também admitem a existência de um recorte discursivo, cultural, histórico que está imbricado à delimitação dos *construals*. Isso motivou a articulação entre a definição das construções e os protótipos textuais/discursivos a que estão associados.

O modelo teórico da GCBU foi definitivo para cumprir os objetivos desta tese e, portanto, trazer algumas respostas às perguntas de pesquisa. Os resultados trazidos nas investigações em *corpus* e nas tarefas de produção comprovam que algumas das construções comparativas que não são canonicamente descritas como tais **são tão ou mais produtivas que as construções prototipicamente comparativas**. Esta conclusão é derivada da natureza intrínseca deste trabalho, que se dedica à descrição das construções sob uma perspectiva cognitiva. Essa abordagem possibilitou à pesquisa observar os padrões de uso da comparação em dimensões imagéticas, semânticas, discursivo-pragmáticas e formais, além de considerar o que já se colocou, em outros estudos, acerca da expressão de comparação no PB.

Outra resposta que pode ser trazida é de que, de fato, é possível confirmar a existência psicológica das construções potencialmente comparativas, ou seja, que não foram exatamente descritas dessa maneira pelos manuais de gramática. Ainda que haja algumas propostas para as construções de comparação no PB, nenhuma delas inclui experimentos psicolinguísticos. Eles podem oferecer respostas sobre quais os expedientes que as pessoas preferem ou compreendem como formas de comparação.

Quanto à rede construcional, a alternativa possível foi a de delinear algumas redes, a partir i) da verificação dos padrões de uso da comparação, ii) da respectiva descrição destes padrões e iii) dos entrelaces que a comparação pode exibir em diferentes dimensões. Não se fez necessária (tampouco praticável) uma rede que interligue todos os padrões, porque a comparação, sendo um processo cognitivo de domínio geral, elencaria possibilidades muito numerosas. Foi por essa razão, principalmente, que se estabeleceu uma definição de protótipo que norteou tanto a seleção dos exemplares desta investigação quanto os limites que poderiam ser estabelecidos para esta descrição.

Por uma rede de herança, tanto as construções comparativas superlativas disfêmicas (CCSD) quanto as construções de conectores comparativos gramaticalizados (as CHS e as CCA) estão relacionadas às comparativas de grau e às comparativas assimilativas, respectivamente. No entanto, essas são construções mais rígidas, entrincheiradas e especializadas, que particionam as construções mais esquemáticas, em um nível subordinado. Há, nesses casos, uma sobreposição formal ou semântica, de modo que uma construção não seja diretamente a instância de outra mais esquemática.

A escolha de integrar a análise de *corpus* e a pesquisa experimental foi fundamental para a delimitação das construções. Nesse sentido, é relevante enfatizar alguns resultados que, devido à orientação metodológica, foram essenciais para sustentar a tese de que as construções comparativas estão além do que oferece a Gramática Tradicional:

- a comparação manifesta-se frequentemente por outros tipos de estruturas comparativas, mais distantes do protótipo, ou seja, não são mediadas pelas conjunções *mais/menos (do) que e como*;
- há combinações da semântica comparativa com outros valores semânticos que são veiculados na hipotaxe adverbial, como o *contraste, a condição, o tempo, a conformidade, a proporção e o modo*;
- o **grau** é uma característica definidora em construções oracionais comparativas prototípicas de grau, mas não é necessariamente alçado quando se quer estabelecer similitude e exemplificação — menos ainda em expressões de comparação hipotética —;
- se a comparação é veiculada por um conector de cláusulas, as estruturas são mais bem compreendidas pelos usuários do PB;
- paralelismo formal, elipses e processos articulatórios que envolvem correlação e hipotaxe são as principais características formais da comparação.

Mesmo que existam respostas para as perguntas de pesquisa e alguns resultados tenham sido apontados, é importante destacar que a comparação não é um tópico encerrado e, por esse motivo, esta tese se posiciona como uma proposta, consciente de suas próprias lacunas. Algumas são de ordem prática, como os limites do *corpus* de análise, a validade dos instrumentos utilizados em cada experimento e a generalização de resultados estatísticos. Outras são de ordem teórica, como a delimitação das construções comparativas discursivas.

A tarefa de produção, por exemplo, possibilita observar as preferências dos falantes em relação às frases de comparação, mas requer um controle mais rigoroso de variáveis sociodemográficas e das condições de aplicação, para aprimorar a generalização dos resultados. Na verdade, tanto a tarefa de compreensão quanto a tarefa de produção podem incorporar delineamentos que levem em consideração variáveis confundidoras, externas e intervenientes, a fim de preservar a validade interna do estudo. As questões de controle também se estendem à coleta em *corpora*, uma vez que, ainda que a quantidade de textos seja suficientemente representativa da língua geral, a generalização dos resultados para a língua oral é discutível. Cabe relatar, entretanto, que gêneros híbridos, como entrevistas, textos de blogues, conversas de *chat* e comentários em fórum, foram incluídos em todas as análises e refletem a influência mútua entre a linguagem oral e escrita na era digital e em contextos comunicativos diversos.

Para a delimitação das construções comparativas em nível discursivo, há de se considerar o ineditismo desta abordagem, uma vez que são poucos os trabalhos que, na perspectiva da GCBU, versam a respeito do papel discursivo das construções em geral. Em relação à comparação, torna-se ainda mais desafiador, pois é necessário considerar a distinção entre a comparação como materialização linguística e a comparação como um dos mecanismos de processamento mental. Nos dois casos, é essencial considerar várias nuances do ato ilocucionário, mas quando se trata da comparação em nível discursivo, a complexidade estrutural, a familiaridade, o contexto e a experiência pessoal também desempenham papéis muito significativos. Isso torna a delimitação do *construal* indispensável para descrever a construção, e, ainda mais, **instrumentaliza a comparação cognitiva de forma mais transparente dentro do discurso**. Em outras palavras, a comparação discursiva é mais esquemática que a construção oracional, porque a quantidade de informação é maior e mais variada; por outro lado, a comparação discursiva é menos automática, visto que o leitor/ouvinte deve depreender e compreender, contextualmente, que o seu processo mental da comparação é estimulado.

Na comparação discursiva, boa parcela dos seus conteúdos advém de modelos sociocognitivos, ou seja, são construídos a partir das experiências sociais e mentais do

indivíduo. Assim, a fluidez do discurso pode distorcer as anotações manuais dos dados coletados em *corpus* e, por conseguinte, dos padrões linguísticos que lhes foram reconhecidos — as CIAP.

Cabe ressaltar aqui que a intenção inicial da pesquisa era incorporar todos os padrões da CIAP no experimento de compreensão. Contudo, devido às limitações do instrumento, como a restrição na quantidade de itens por respondente e a diversidade de exemplares a serem discutidos, a pesquisa foi compelida a escolher CIAP mais distantes do ato elaborativo. Isso impossibilitou a avaliação de se essas construções são, de fato, compreendidas como formas potenciais de comparação.

Em particular, a percepção das análises é de que as CIAP são construtoras de um espaço mental, uma vez que criam hipóteses e, a partir delas, elabora-se um novo modelo cognitivo, que fundamenta o processo de conceptualização. O que motiva a criação destas hipóteses é a necessidade de comparar: **a hipótese alça o traço mútuo inerente à comparação como processamento mental e se materializa neste tipo de construção**. Como o objetivo aqui era o de relacioná-las às expressões de comparação mais convencionais, ou seja, aquela expressa em construções oracionais, por exemplo, foi necessário cotejá-las à orientação discursiva de elaboração. Não se quer dizer aqui que outros tipos de CIAP não possam ser comparativos, mas as de ato elaborativo são aquelas que podem servir como opção às materializações linguísticas mais prototípicas, tal qual as instanciadas por *como se*.

As áreas que esta tese deixa sem cobertura podem ser consideradas oportunidades para futuras melhorias e aprofundamentos na pesquisa. Em termos de ordem, por exemplo, as respostas do experimento de produção não foram medidas. Pensar sobre os efeitos de primazia poderia auxiliar na aferição do tipo de construção comparativa que é ativada, em primeiro lugar, ao se conceptualizar a comparação. Outro ponto é que, para além dos exemplares explorados, outras possibilidades formais de veicular a atitude proposicional. Se *imagine que*, *vamos imaginar que* e *pense que* são instâncias possíveis, vale investigar que efeitos teriam a nominalização verbal as orações subordinadas a estes verbos. Em lugar, por exemplo, de *Imagine que as pessoas dançam*, haveria *Imagine a dança das pessoas*. Fica a sugestão para que a pesquisa se amplie no sentido de verificar as outras manifestações do imperativo de atitude proposicional, não só nesses casos de nominalização, mas também em outras possibilidades de flexão, no uso de outros verbos (*dizer*, *considerar*) etc.

Outra limitação envolve o uso das construções instanciadas por *que nem*, *igual*, *tipo* e *feito*. Na tese, assume-se que existem dois tipos de conectores comparativos gramaticalizados: os puramente assimilativos e os hiperbólicos. Um parece ser de ativação metafórica

(mapeamento entre domínios) e o outro parece ser de ativação metonímica (mapeamento intra domínio). No entanto, podem existir particularidades em relação a esses usos. O conector *igual*, por exemplo, tem sido semanticamente neoanalisado,

- a) ou dessemantizando-se, como em *Esse amplificador já custou igual a um carro novo*;
- b) ou relacionando-se a outras nuances – conformidade e modo, por exemplo – como em *Ela desceu da nave, igual a Xuxa fazia*;
- c) ou recrutando o *frame* de exemplo em outro tipo de CHS (Construção Hiperbólica por Símile), como em *Ela é linda igual (a) uma Barbiezinha*.

Isto posto, vale investigar a forma como esses conectores se relacionam além da construção comparativa assimilativa, visto que emergem, dessas palavras, construções de outra natureza.

Apesar das limitações, esta tese também ofereceu evidências mais consistentes em relação às realizações não prototípicas. Foi possível verificar a influência dos gêneros que integram determinadas construções, assim como os seus propósitos. Construções comparativas instanciadas por *enquanto*, por exemplo, frequentemente mesclam comparação (igualdade/desigualdade) e proporção em textos de teor científico ou econômico. Quando a comparação está mais associada à ideia de tempo, as orações não costumam apresentar aspecto durativo e parecem mais estáticas, constituindo textos tipologicamente descritivos. Aparentemente, a genericidade não só insere as nuances semânticas, mas integra o *construal*, a fim de que elas constituam a maneira como a construção é conceptualizada. O mesmo ocorre com as construções imperativas de atitude proposicional que, ao instanciarem o eixo hipotético da comparação, materializam-se como narrações e descrições: se essas tipologias são mais próximas da experiência física e sensorial (Adam, 2019), são possivelmente as mais eficazes para os conceptualizadores, que precisam compartilhar a informação e torná-la útil no processo de comparação hipotética.

No tangente ao delineamento da rede, considerou-se que as construções oracionais comparativas mais prototípicas correspondam às categorias mais centrais, que estimulam a formação de outras construções, menos esquemáticas e mais relacionadas a outros valores semânticos. Os casos de *enquanto*, por exemplo, sugerem um percurso de mudança gramatical e isso pode ser explicado a partir dos achados desta tese. As construções de tempo ainda parecem as mais frequentes, mas concorrem com as construções de contraste. Há também um grupo menor de orações que sugere a mescla entre os dois valores semânticos. Esses comportamentos podem ser indícios de que a conjunção ainda experimenta um processo de

gramaticalização e semanticização, que naturalmente exhibe polissemia. Isso também pode explicar a proximidade, em forma e função, com construções oracionais comparativas assimilativas mais prototípicas, instanciadas por *tanto quanto*. Pode haver, neste caso, **link polissêmico com a rede de construções contrastivas e temporais**, instaurada por nuances de tempo simultâneo e pela inferência de diferença, intrínsecas à evolução diacrônica do próprio conector.

Em suma, considera-se que o objetivo central desta tese foi atingido, uma vez que foi possível delinear uma rede cognitiva para construções comparativas do PB. Entretanto, não se acredita que as redes de construções possam ser rigidamente delimitadas; conforme propõe Langacker (2008), as categorias linguísticas são dinâmicas e podem se estender indefinidamente, adaptando-se às necessidades comunicativas e às nuances contextuais. O desejo é de que essa descrição sirva como um instrumento para compreender as formas de comparação no PB e estimular estudos na Linguística e em outras áreas, como o ensino de língua portuguesa e a ciência da informação, por exemplo.

Em relação à comparação, ainda há muito a ser explorado, e como mencionado anteriormente, não se busca encerrar a discussão com esta tese. A expectativa é a de que o texto abra caminhos para uma investigação mais aprofundada dessas formas linguísticas, tanto em termos de significado intrínseco quanto em sua manifestação na mente ou na interação.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Jean-Michel. *Textos: tipos e protótipos*. São Paulo: Contexto, 2019.
- ANASTASI, Anne; URBINA, Susana. *Psychological Testing*. Prentice Hall/Pearson Education, 1997.
- AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à Sintaxe do Português*. 8ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- AZEREDO, José Carlos. *Ensino de português: fundamentos e objetos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. In: Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 1999. Tese, 2 vol. (Doutorado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BELCHIOR. *Tudo outra vez*. In: Belchior ou era uma vez um homem e seu tempo. Rio de Janeiro: Polygram: 1979. LP.
- BERGEN, Benjamin; CHANG, Nancy. Embodied Construction Grammar in simulation-based language understand. In: ÖSTMAN, Jan; FRIED, M. (eds.). *Construction Grammars: Cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005, p. 147–90.
- BOAS, Hans; SAG, Ivan. *Sign-Based Construction Grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2012.
- BYBEE, Joan. *Language, Use and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- CAMPOS, Daniele Cristina. *A correlação de negação e contraste no português brasileiro*. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- CASTILHO, Ataliba. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 1ª Ed. 3ª reimpressão. 2014.
- CHAFE, Wallace. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In:
- CHAFE, Wallace (Ed.). *The Pear Stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.
- CHOMSKY, Noam. *Language and Mind*. 3ª Edição. New York: Harcourt, Brace & World, 2006.

CHRISTENSEN, Larry; JOHNSON, Burke; TURNER, Lisa. *Research Methods, Design and Analysis*. 12ª Edição. New Jersey: Pearson, 2014.

CONEGLIAN, André. *A expressão do significado concessivo no português brasileiro: as construções gramaticais em interface com padrões e sistemas cognitivos*. 128f. Centro de Comunicação e Letras. 2019. Tese (Doutorado em Letras) - Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019.

COSTA, Igor de Oliveira. *A Construção Superlativa de Expressão Corporal: Uma abordagem construcionista*. 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, William. *Verbs: Aspect and Causal Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive Linguistics*. Oxford: University Press, 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s*, 2006. Disponível em: <www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 04 jan. 2021.

DIAS, Nilza Barroso et al. Construções contrastivas acontece que e logo eu. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v. 14, n. 28, p. 297-316, 2020.

DIAS, Nilza Barroso. *Construções contra juntivas não prototípicas em variedades da língua portuguesa*. Niterói: UFF, 2020 (Relatório de pesquisa).

DIAS, Nilza Barroso. Construções contrastivas no português em uso. In: *Ciclo de palestras NELU/UFMG.*, 2021, Belo Horizonte. Seminário... Belo Horizonte: UFMG, 2021.

Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=KccMNzg2OiA&list=PLH_z7ofaqVg07E_QC9Xwrbjh1S2IiXv9Z&index=1. Acesso em: ago. 2021.

DIESSEL, Hölger. *The Grammar Network: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. Cambridge University Press, 2019.

EVANS, Nicholas et al. Insubordination and its uses. *Finiteness: Theoretical and empirical foundations*, v. 366, p. 431, 2007.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: An Introduction*. Routledge, 2006.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The Way We Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.

- FILLMORE, Charles. Frame semantics. *In: Linguistics in the Morning Calm*. Linguistic Society of Korea (ed.). Seoul: Hanshin Publishing Company, 1982. p. 111-137.
- FILLMORE, Charles; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary Catherine. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: The case of let alone. *Language*, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.
- GEERAERTS, Dirk et al. (Ed.). *From perception to meaning: image schemas in cognitive linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.
- GIBBS, Raymond; COLSTON, Herbert. *Interpreting Figurative Meaning*. Cambridge University Press, 2012.
- GIVÓN, Talmy. From discourse to syntax: Grammar as a processing strategy. *In: Discourse and Syntax*. Brill, 1979. p. 81-112.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele. *Explain me this: Creativity, competition, and the partial productivity of constructions*. Princeton University Press, 2019.
- GRADY, Joseph Edward. *Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes*. University of California, Berkeley, 1997.
- GSHOW. Diogo abraça Michelly e diz: “Isso não é nada comparado ao que se pode imaginar”. 2011. Disponível em: <https://gshow.globo.com/realities/bbb/bbb11/casa-bbb/noticia/diogo-abraca-michelly-e-diz>. Acesso em: 15 mar. 2020.
- HALLIDAY, Michael. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold Publishers Ltd., 1985.
- HART, Christopher. *Discourse, Grammar and Ideology: Functional and Cognitive Perspectives*. London: Bloomsbury, 2014.
- HEINE, Bernd. *Cognitive Foundations of Grammar*. Oxford University Press, 1997.
- HILPERT, Martin. *Construction Grammar and Its Application to English*. Edinburgh University Press, 2014.
- HÖDER, Steffen. Constructing diasystems. Grammatical organisation in bilingual groups. *In: Åfali, Tor A., och Brit Mæhlum (red.): The sociolinguistics of grammar*, p. 137-152, 2014.
- HOFFMANN, Thomas. Cognitive sociolinguistic aspects of football chants: The role of social and physical context in usage-based construction grammar. *Zeitschrift für Anglistik und Amerikanistik*, v. 63, n. 3, p. 273-294, 2015.

- HOFFMANN, Thomas. *Construction Grammar: The Structure of English*. Cambridge University Press, 2022.
- HOPPER, Paul. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth; HEINE, Bernd. (eds.) *Approaches to Grammaticalization I*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- KOESTER, Almut. Building small specialised corpora. In: O'KEEFFE, Anne; MCCARTHY, Michael (eds.) *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics*. New York: Routledge, 2010. p. 66-79
- KORTMANN, Bernd. *Adverbial Subordination*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.
- KURY, Adriano da Gama. *Novas Lições de Análise Sintática*. 3. ed., São Paulo: Ática, 1987.
- LAKOFF, George. Cognitive versus generative linguistics: How commitments influence results. *Language & Communication Journal*, v. 11(1-2), p. 53-62, 1991.
- LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal About the Mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAMBRECHT, Knud. *Information Structure and Sentence Form: Topic, Focus and the Mental Representations of Discourse Referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- LANGACKER, Ronald. *Cognitive Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- LANGACKER, Ronald. *Concept, Image, Symbol: The Cognitive Basis of Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.
- LANGACKER, Ronald. Construal. In: DĄBROWSKA, E.; DIVJAK, D. (Eds.). *The Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2015. p. 120-143.
- LANGACKER, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol 1: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol. 2: Descriptive Application*. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- LEECH, Geoffrey. New resources, or just better old ones? The Holy Grail of representativeness. In: MEYER, Charles; NELSON, Gerard. (Eds.). *Corpus linguistics and the web*. Amsterdam: Brill Rodopi, 2007. p. 133-149.

LEHMANN, Christian. Towards a Typology of Clause Linkage. In: THOMPSON, S.; HAIMAN, J. (Org.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 151-225.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia Pereira. *A interface Sociolinguística/Gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como - sincronia e diacronia*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Níveis no Processamento da comparação no Português Contemporâneo e Padrões Funcionais de como. *Estudos Linguísticos*, v. 35, p. 1322-1330, 2006.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. Emergência de juntores contrastivos na história do português: contextos, polissemia e subjetivização. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 18, n. 2, p. 263-299, 2016.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

MARQUES, Rui. *Para uma Semântica das Construções Comparativas em Português*. 2003. 317f. Tese (Doutorado em Letras, Linguística Portuguesa) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2003.

MARTINS, Nilce Sant'anna. Meios de exprimir a comparação no português atual do Brasil. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 12 (1967), 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3313>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. (org.). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

MCENERY, Tony; HARDIE, Andrew. *Corpus linguistics: Method, theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

MIZUMOTO, Atsushi; HAMATANI, Sawako; IMAO, Yasuhiro. Applying the bundle–move connection approach to the development of an online writing support tool for research articles. *Language Learning*, v. 67, n. 4, p. 885-921, 2017.

NEGRI, Lígia. Comparação de igualdade? Ninguém diria!. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 52, n. 2, p. 295-306, 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura. As construções concessivas. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do Português Falado vol. VII – novos estudos*. Campinas: Editora Unicamp, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura; DALL'AGLIO-HATNHER, Marize Matos. As construções comparativas. In: NEVES, Maria Helena de Moura (coord.). *A construção das orações complexas*. São Paulo: Contexto, 2016.

NOTÍCIAS GERAIS. Excerto de crônica vinculada à coluna de notícias do Campo das Vertentes, Mesorregião de Minas Gerais, 2020.

NUYTS, Jan. Subjectivity as an evidential dimension in epistemic modal expressions. *Journal of Pragmatics*, Amsterdam, v. 33, n. 3, p. 383-400, 2001.

O'KEEFFE, Anne; McCARTHY, Michael. (org.) *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics*. Abingdon/New York: Routledge, 2010.

OLIVEIRA, Cândido Samuel Fonseca de; SÁ, Thaís Maíra Machado de. Métodos off-line em psicolinguística: julgamento de aceitabilidade. *Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras*, v. 5, p. 77-96, 2013.

ÖSTMAN, Jan-Ola. Construction Discourse. In: ÖSTMAN, J.; FRIED, M. (Eds.). *Construction Grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

PASQUALI, Luiz. *Instrumentação Psicológica: fundamentos e práticas*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PINHEIRO, Diogo; SILVA, Augusto Sorares da; FREITAS JR., Roberto. Gramática de Construções Baseada no Uso. *Soletras - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UERJ*. Rio de Janeiro, 2023.

PIRES, R. E. S. *Forte que nem touro, alto que nem torre, livre que nem passarinho: a configuração de uma construção hiperbólica do Português*. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

RODRIGUES, Violeta Virginia (org.). *Articulação de Orações: pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2010.

RODRIGUES, Violeta Virginia. Comparativas de igualdade canônicas e não-canônicas em português. In: *Revista do Mestrado em Estudos Linguísticos*, p. 129, 2014.

RODRIGUES, Violeta Virginia. Tipos e Subtipos de Construções Comparativas. In: II Encontro Nacional de Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino (ECLAE), 2003, João Pessoa. *Anais [...]* João Pessoa.

RODRIGUES, Violeta Virginia.; THOMPSON, Heloise Vasconcellos Gomes Thompson. A relação de comparação no PB. In: *SEDA - Revista de Letras da Rural-RJ*, v. 5, n. 11, p. 161-181, 6 ago. 2020.

RODRIGUES, Violeta Virginia. *Cláusulas sem núcleo em português: desgarramento ou insubordinação?*. São Paulo: Blucher, 2021.

RODRIGUES, Violeta Virgínia; TOTA, Felipe de Oliveira. Sintaxe das orações comparativas nos livros didáticos. *ANTHESIS: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Occidental*, ano 02, nº 03, 2013.

- ROSCH, Eleanor. Cognitive representations of semantic categories. *In: Journal of Experimental Psychology: General*, v. 104, p. 192-23, 1975.
- ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. *In: ROSCH, E.; LLOYD, B. (eds.). Categorization and cognition*. N.J.: Hillsdale, 1978, p. 27-47.
- RUBIO, Marília Gabriela. *O processo de construcionalização dos conectores “ao passo que” e “enquanto que” no português*. 2021. 220f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2021.
- SANTOS, Silvio César. *Antes tarde do que nunca: analisando a construção comparativa de preferencialidade*. 2016. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- SANTOS, Silvio César. *As construções comparativas superlativas disfêmicas*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini et al. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 1996 [1916].
- SILVA, Anderson Godinho. *Cláusulas com noção de modo em português: um estudo funcionalista*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- SILVA, Anderson Godinho. *Orações modais: uma proposta de análise*. 2007. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- SILVA, Augusto Soares da. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.
- SILVA, Augusto Soares da. Perspectivação conceptual e Gramática. *In: Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*, v.12-1, 2008, p. 17-44.
- STEELS, Luc. *Design patterns in Fluid Construction Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2011.
- TALMY, Leonard. *Toward a cognitive semantics*. MIT Press, 2000.
- TAYLOR, Wilson. Cloze procedure: A new tool for measuring readability. *Journalism Quarterly*, v. 30, n. 4, p. 415-433, 1953.
- THOMPSON, Heloise Vasconcellos Gomes. *Construções comparativas assimilativas com tipo e igual: uma abordagem baseada no uso*. 2019. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

THOMPSON, Heloise Vasconcellos Gomes. *Do léxico à gramática: os diferentes usos de tipo*. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

THOMPSON, Heloise Vasconcellos Gomes; TOTA, Felipe de Oliveira; RODRIGUES, Violeta Virginia. A trajetória de gramaticalização de QUE NEM. In: 24ª Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), 2012, Natal. *Anais [...]* Natal.

TODOROVA, Marina et al. Aspectual coercion and the online computation of sentential aspect. In: *Proceedings of the Annual Meeting of the Cognitive Science Society*. 2000.

TOMASELLO, Michael. *Constructing a language: A usage-based theory of language acquisition*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2003.

TOTA, Felipe de Oliveira. *De modificador a conector: um estudo sincrônico de igual*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas, Língua Portuguesa). 2013. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford University Press, 2013.

UOL. Crônica da coluna do repórter Amaury Jr. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/amaury-jr/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

VALENTIM, Helena Topa. *Um estudo semântico-enunciativo de predicados subjectivos do português*. 2005. 414f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2005.

VAN DIJK, Teun A. Cognitive context models and discourse. *Language structure, discourse and the access to consciousness*, v. 190, 1997.

VAN DIJK, Teun A. Socio-cognitive discourse studies. In: *The Routledge handbook of critical discourse studies*. Routledge, 2017, p. 26-43.